
A REPRESENTAÇÃO DOS CARGOS DE TELEJORNALISMO EM NARRATIVA SERIADA: uma análise da série *Great News*

*THE REPRESENTATION OF TELEJORNALISM WORK POSITIONS IN SERIAL NARRATIVE: an analysis of the *Great News* TV serie*

LARYSSA YASMIN DE OLIVEIRA
Universidade Federal de Pelotas

MICHELE NEGRINI
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este trabalho analisa como cargos telejornalísticos são representados na série “*Great News*”. Com o objetivo de compreender se a caracterização dos profissionais foi afetada pelo processo de produção, leva-se em consideração as conceituações teóricas da profissão e as definições de cultura e representação. A conclusão é obtida através da análise de três episódios da primeira temporada, em uma Análise de Conteúdo: os cargos telejornalísticos em “*Great News*” são fluídos e se adaptam ao roteiro, ainda que respeitem a cultura jornalística e as atividades necessárias para o desenvolvimento de um telejornal de referência.

Palavras-chave: Telejornalismo. Representação. Cultura. Cargos telejornalísticos.

Abstract: This paper analyzes how television news posts are represented in the “*Great News*” series. In order to understand whether the characterization of the professionals was affected by the production process, the theoretical concepts of the profession and the definitions of culture and representation are taken into account. The conclusion is obtained through the analysis of three episodes of the first season, in a Content Analysis: the telejournalistic positions in “*Great News*” are fluid and adapt to the script, even though they respect the journalistic culture and the activities necessary for the development of a reference newscast.

Keywords: Telejournalism. Representation. Culture. Television news posts.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo televisivo é um ramo da comunicação voltado à veiculação de notícias através de produtos audiovisuais, para que as informações sejam transmitidas com apoio visual. Tradicionalmente, são produzidos telejornais com o objetivo de informar a população, apresentados por um ou dois profissionais, que introduzem matérias executadas por repórteres, enquanto outros profissionais, que não aparecem nas telas, estão envolvidos na produção do material, como editores e cinegrafistas (BARBEIRO; LIMA, 2002).

No caso da série “Great News”, tem-se uma matriz de funcionários das mais diversas linhas, de editor-chefe a estagiário, culminando em uma representação do trabalho rotineiro dos jornalistas. Assim, a obra se torna uma referência de conteúdo e informação enquanto produto audiovisual veiculado na mídia (WAITZ, 2009). É de interesse social que se observe a forma como a representação dos cargos envolvidos no jornalismo televisivo é estabelecida, afinal, é através de materiais como esse que grande parte da sociedade passa a construir uma opinião acerca do telejornalismo.

Desse modo, essa pesquisa analisa de que forma cargos telejornalísticos são representados na série, considerando sua abordagem para as atividades desenvolvidas por cada personagem no noticiário fictício “The Breakdown”. Assim, conceitua-se os cargos atuantes na elaboração de um telejornal ao elaborar um quadro para possibilitar a comparação analítica entre a definição de editor-chefe, âncora, repórter, produtor, estagiário e as atribuições dos personagens de “Great News”, de acordo com o “Manual de Jornalismo”, de Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, além de compreender a construção da redação jornalística e analisar de fato como a representação dos fatos ocorre.

Essa escolha se deu devido à consciência do jornalismo ter responsabilidade social, mesmo que alguns cargos sejam deixados de lado quando se trata de visibilidade e valorização. E uma vez que mais do que usufruir do trabalho dos jornalistas, a população também tem expectativas sobre ele, compreender como os cargos desses comunicadores estão sendo representados em produtos de

entretenimento, consumidos por essas pessoas, nada mais é do que entender como a categoria é interpretada, e através de que imagem ela será julgada.

A pesquisa foi realizada através de uma Análise de Conteúdo de dois episódios de “Great News”, escolhidos de acordo com seu papel na organização da primeira temporada da série. São eles: o primeiro, sob o nome de “Piloto” e o último, “11 jornalistas e um segredo”; suas respectivas responsabilidades são apresentar e encerrar o enredo. Conceituações teóricas dos referenciais foram considerados para as análises, além de diálogos, descrições de tarefas e outros elementos com potencial de significação.

2 TELEJORNALISMO

A prática jornalística é constituída por técnicas de escrita, produção e performance dos jornalistas, reconhecidas pelo seu padrão. Na composição organizacional do telejornalismo, considera-se a realidade de uma redação jornalística, com hierarquização e distribuição de funções, para além daquelas que exigem uma exposição da imagem (BARBEIRO; LIMA, 2002).

Nesse sentido, percebe-se que apesar de consistir na veiculação de notícias por meio de um conjunto de discursos verbais e imagéticos, o telejornal vai além da transmissão de sentidos e significações. A construção de relatos humanizados e a propagação de informações estão intrínsecos às produções jornalísticas, mesmo que não visíveis. (BARBEIRO; LIMA, 2002). Logo, para que haja uma compreensão de como se realiza a representação do telejornalismo no entretenimento, é preciso entender a prática jornalística e quais são os cargos e funções criados mediante às necessidades desse nicho, considerando os diversos contextos em que ele está inserido.

2.1 TELEJORNALISMO NO BRASIL

O telejornalismo brasileiro é marcado por fatores conflitantes na construção das suas redações: investimentos monetários, espaço de exibição em emissoras, pautas elaboradas e público-alvo. Em teoria, a realidade de uma redação jornalística

conta com hierarquização e distribuição de funções para além daquelas que exigem uma exposição da imagem (BARBEIRO; LIMA, 2002).

No topo da pirâmide, com o princípio de tomar decisões, definir editoriais e garantir o andamento do telejornal, estão três cargos majoritários: o diretor de jornalismo, que organiza a linha editorial; o gerente, que chefia a redação, escala os jornalistas e trabalha com o departamento de recursos humanos; e o editor-chefe, que trabalha o conteúdo dos noticiários e é responsável pela montagem do espelho¹ (BARBEIRO; LIMA, 2002). Dependendo do veículo, esses cargos podem acabar se misturando, ganhando ou perdendo atribuições².

Como um telejornal pode estar subsidiado por uma empresa de comunicação privada, é preciso estar ciente de que parte do fazer jornalístico necessariamente estará voltado à obtenção de lucro e sofrerá as consequências do manejo de verbas da companhia (BARBEIRA; LIMA, 2002). A preocupação com a humanização da profissão e das pautas nem sempre faz parte dos setores financeiro e administrativo.

Já nos cargos de produção estão o redator, o editor-executivo e o chefe de redação. O primeiro produz os textos para o telejornal, o editor supervisiona a parte técnica da equipe, e o chefe de redação é o braço direito do editor-chefe, responsável por fiscalizar o trabalho da equipe de reportagens. Em alguns casos, a figura desse último pode ser suprida por seu superior, de acordo com a disponibilidade financeira da empresa de telecomunicação (BARBEIRO; LIMA, 2002).

Para Barbeiro e Lima (2002), alguns cargos são relativos, dependendo do poder aquisitivo da emissora que produz o telejornal, podendo ser atribuídos a profissionais multifuncionais: o pauteiro, jornalista responsável pela apuração de temas relevantes para o noticiário; o produtor, que auxilia no levantamento de informações; e os editores de texto e imagem, que revisam e trabalham os aspectos técnicos dos materiais.

Enquanto isso, há o cargo criado por algumas empresas para uma unificação do profissional que é ao mesmo tempo pauteiro e produtor: coordenador de rede.

¹ O espelho é um script televisivo criado com o objetivo de organizar e explanar o cronograma planejado geralmente pelo funcionário no cargo de editor-chefe do telejornal. Nele consta a sequência de entrada das reportagens e os textos que serão lidos pelos apresentadores, além de intervalos e notas (BARBEIRO; LIMA, 2002).

² Atualmente, a motivação para a supressão de cargos se dá principalmente pela política da redução de gastos, de forma que os demais funcionários podem se sobrecarregar ou as atividades desempenhadas sejam anuladas na rotina do telejornal (BARBEIRO; LIMA, 2002).

É o responsável pela organização do fluxo das matérias geradas pelas sucursais ou afiliadas. Também faz a distribuição das pautas e acompanhamento da realização das reportagens. (...) O coordenador de rede liga para todos os responsáveis pelo jornalismo das praças e, além de passar a pauta do dia, recebe sugestões de pauta e um balanço do que está sendo produzido. Ouve também as críticas e explica o porquê de uma ou outra reportagem não ter sido aproveitada nos telejornais (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 66).

A figura do repórter, popular entre a comunidade que acompanha os telejornais, é responsável pela cobertura das pautas na rua. É ele quem conferirá fatos e acontecimentos em seus respectivos locais e escreverá o texto pra os *offs*³. No caso da ausência de um produtor, também realiza a pesquisa sobre o tema designado na reunião de pauta. O trabalho desse profissional também está interligado a um cinegrafista, não necessariamente jornalista. Seu trabalho na captação das imagens define parte do viés da reportagem.

Outro profissional envolvido com o fazer do telejornal é o editor. De pouca visibilidade, essa função tem grande importância, por ser aquela que propicia o elo entre o trabalho do repórter e do cinegrafista ao juntar os materiais, e ainda se responsabiliza pela união final dos conteúdos, através da edição do próprio programa telejornalístico com a montagem das reportagens que serão veiculadas. Empresas podem suprimir essa vaga se valendo de um videorepórter, mas naquelas que trabalham de modo industrial, o repórter segue de uma pauta a outra, de modo que o material para a finalização é encaminhando para uma ilha de edição. Dependendo do tipo de telejornal, podem ainda se envolver com a escrita de cabeças⁴ e pés⁵ de matérias e avaliam se reportagens devem cair ou não, devido ao seu contato direto com o material e o esquema de edição feito pela equipe (BARBEIRO; LIMA, 2002).

Operadores de áudio e assistentes de filmagem são profissionais da área técnica que trabalham com a manipulação da parte tecnológica do programa telejornalístico. Geralmente a folha de pagamento escassa faz com que o cinegrafista

³ Momento da reportagem em que a voz do repórter narra o conteúdo, com o apoio de imagens (BARBEIRO; LIMA, 2002).

⁴ Textos lidos pelo apresentador com o objetivo de informar o telespectador, anunciando a reportagem que será veiculada. Compostas pelo lead da notícia (BARBEIRO; LIMA, 2002).

⁵ Notas lidas pelo apresentador após a veiculação de uma matéria; trazem informações que não entraram no VT (BARBEIRO; LIMA, 2002).

precise suprir esses dois papéis. Abaixo deles estão os estagiários, estudantes que buscam o aprendizado da parte prática da carreira, cujas atribuições giram em torno de prestar auxílio à equipe, principalmente no levantamento de dados e na produção das matérias.

E quem de todo esse sistema de produção está o apresentador ou âncora do programa. É quem será visto pelos telespectadores do telejornal, em sua posição de mediar a informação para o público, carregando a responsabilidade de ser o rosto que representa todo o trabalho desenvolvido pela equipe (BARBEIRO; LIMA, 2002). O âncora, não tão comum no Brasil (SQUIRRA, 1993), ainda é incumbido de acrescentar comentários opinativos acerca das matérias veiculadas no telejornal.

Todo esse trabalho conjunto, incluindo as partes técnica e administrativa, gera o que conhecemos como telejornal; cada etapa tem sua relevância e marca no produto final. Apesar de ser possível transferir funções, a quebra de protocolo na hora de construir-se uma matéria pode gerar ruído na transmissão da informação (PENA, 1999). Por isso, as funções são separadas no que chamamos de “redação ideal”, mas a prática obriga alguns cargos, como o de repórter, a serem responsáveis pela produção, apuração e edição de uma reportagem. Daí surge o dilema de esses profissionais estarem mais envolvidos e a par das coisas, mas também menos dedicados à tarefa principal de seus cargos. Sobre isso, Felipe Pena (1999, p. 3) compreende que:

[...] no cotidiano de uma redação jornalística, o espaço para reflexão é mínimo. Espremido pelos deadlines e pela busca incessante do furo de reportagem, o jornalista é mais uma peça da engrenagem produtiva. O evento é sua matéria-prima e o tempo curto seu campo de atuação.

Por fim, no que diz respeito ao programa audiovisual jornalístico, sua constituição é dada por blocos, separados por intervalos, geralmente entre dois e quatro. Cada programa tem sua vinheta⁶ para abertura e fechamento de cada bloco, e é composto pelo intercalar de reportagens com interrupções do apresentador. Como diferencial, podem trazer entrevistas, quadros especiais e previsões do tempo.

As relações entre cargos profissionais, empresas e as tarefas a serem executadas são volúveis. No entanto, é importante compreender cada mudança e

⁶ Vídeo que sinaliza o começo, o intervalo e o fim do telejornal, através da combinação de imagens e músicas específicas. Animações e quadros especiais podem ser “chamados” por meio de vinhetas próprias (BARBEIRO; LIMA, 2002).

assimilar a hierarquia de atividades dos jornalistas, de modo a se estabelecer uma lógica de produção, apresentada através do esquema a seguir, que tem como base os escritos de Barbeiro e Lima (2002).

Quadro 1 – Cargos e funções do telejornalismo.

	CARGOS	ATRIBUIÇÕES	
Chefia	Diretor de Jornalismo	Intermediação, organização da linha editorial do programa, em concordância com a da emissora e empresa.	São cargos que podem se misturar e suprimir um ao outro.
	Gerente	Chefiar a redação, escalar os jornalistas e trabalhar com o departamento de recursos humanos.	
	Editor-chefe	Organizar e definir o conteúdo dos noticiários, o que será ou não veiculado, elaborar o espelho.	
	Coordenador de Rede	Organizar o fluxo das matérias geradas, distribuir as pautas, gerir e coordenar a equipe.	
Produção	Redator	Produzir os textos para o telejornal, desde notas a reportagens.	Existência depende do poder aquisitivo da empresa.
	Editor-executivo	Supervisionar a parte técnica da equipe, equipamentos e rendimento desses e dos funcionários.	
	Chefe de Redação	Fiscalizar o trabalho dos demais, a equipe de reportagens.	
	Apresentador	Apresentar, ser a voz, o rosto e a postura do noticiário, fazer comentários relacionados às matérias veiculadas.	
	Âncora		
Planície	Pauteiro	Fazer contatos, apurar e selecionar temas relevantes para o noticiário, as pautas.	Depende do poder aquisitivo, podem ser supridos por outros cargos.
	Produtor	Auxiliar no levantamento de informações, marcar entrevistas e gravações, estabelecer contatos.	
	Editor de Textos e Imagem	Revisar e trabalhar os aspectos técnicos dos materiais, corrigindo e montando a matéria final.	
	Repórter	Cobrir as pautas na rua, realizar a pesquisa sobre ela, escrever a reportagem, fazer as entrevistas.	
	Cinegrafista	Captar imagens, usar a câmera para a gravação de entrevista, passagens e cabeças e pés do telejornal.	O cargo de cinegrafista pode suprir.
	Técnicos de áudio e imagem	Auxiliar na gravação de imagens, operar e monitorar a captação de áudio durante gravações.	
	Estagiários	Estudantes; Aprendizado a parte prática da carreira, auxiliar a equipe, produzir matérias.	

Fonte: Barbeiro e Lima (2002).

2.2 TELEJORNALISMO NOS ESTADOS UNIDOS

Desde o primeiro contato com a tecnologia televisiva na década de 1930 (FOHERTY, 1964), até o século XXI, os telejornais se tornaram a fonte mais utilizada pelos norte-americanos para obterem informações. Conseqüentemente, os noticiários produzidos pelas emissoras de rede aberta abordam temas locais, trazendo quadros como previsão do tempo e entrevistas, além das matérias factuais e de editorias pautadas regularmente (PAZZIN, 2006).

Em telejornais pequenos – por questão de orçamento e região de cobertura –, a estrutura encontrada nos estúdios é reduzida. Iluminação, isolamento acústico, de duas a três câmeras, um apresentador em pé ou sentado em uma bancada. Em alguns casos, se faz uso da própria redação como cenário (MOTOMURA, 2018).

O trabalho por trás das câmeras fica a cargo de profissionais de atribuição semelhante às encontradas nas emissoras brasileiras, como o editor de vídeo, o produtor e o cinegrafista, que também atuam no estúdio. Nas suas atividades, estão inclusas a organização da gravação, a captação das imagens e o processamento final dos materiais, para que possam ser transmitidos ao vivo ou colocados na grade de programação.

Com a inovação, surgiu uma figura comum na produção das matérias em emissoras pequenas e locais: o repórter “abelha”, também encontrado no Brasil. Ele possui a atribuição de executar todas as funções referentes ao VT, desde a produção e contato com fontes, à captação de material e edição (BARBEIRO; LIMA, 2002). Por vezes, a câmera utilizada é a de aparelhos como o telefone celular e atua na reportagem como uma extensão do corpo.

A organização e obtenção das pautas é feita pelo chefe de reportagens, essas sendo levadas para as reuniões de pauta, que se impõem como um dos elementos principais para a elaboração de um telejornal. Nesse quesito, a figura do produtor se apresenta de maneira primordial na rotina, pois o poder de decisão está incutido em seu papel (BRASIL, 2004). Ele ainda permite que o repórter trabalhe em sua matéria de forma independente e autoral, mas há uma supervisão e guia na questão do viés e do conteúdo.

Produtor no Brasil é confundido com pauteiro, quebra-galho de repórter ou mesmo secretário. Nos EUA, os produtores são responsáveis pelo conteúdo, paginação e estratégias de produção (BRASIL, 2004, online).

A reunião de pauta tem quatro momentos principais: sociabilização, discussão sobre a atualidade do jornalismo, boatos ou fofocas e elaboração do cronograma do noticiário. Para Brasil (2004), um diferencial do telejornalismo local é que a ocorrência de mais de uma reunião por dia não é uma possibilidade descartada, uma vez que se percebe a necessidade de acompanhar o andamento dos trabalhos da equipe para garantir a finalização do telejornal.

O espaço dedicado à exibição da previsão do tempo é um fenômeno de proporções específicas nos EUA. Isso ocorre por um determinante geográfico, já que a climatologia norte-americana indica que parte do território apresenta propensão a anomalias. A tecnologia utilizada para o desenvolvimento desse quadro é aquela que conta com mais investimentos por parte emissora (PAZZIN, 2006). Repórteres se deslocam para cenários que representem as previsões que estão sendo transmitidas, (BRASIL, 2004), sendo que os profissionais podem ou não ser especificamente dedicados a esse tipo de quadro (PAZZIN, 2006).

Os âncoras – apresentadores que também tem espaço para fazer comentários não combinados e de teor definido pela matéria, do conteúdo e no momento que acharem coerentes – tem uma imagem diferenciada entre os jornalistas (BRASIL, 2004). São da mesma categoria profissional, mas têm a missão principal de apresentar o noticiário, sendo o rosto, a postura e a voz que o representa. Além dos maiores salários, possuem um viés de celebridade devido à sua exposição: a vida particular e a carreira profissional se tornam de interesse do público, tanto que suas renovações contratuais e realocações são pautas para a mídia (SQUIRRA, 1993), o que também faz com que adquiram características do seu fazer de trabalho no dia-a-dia, como forma de preservar sua credibilidade (BRASIL, 2004).

Retomando o cargo de chefe de reportagem, aponta-se a forma como se organizam em uma espécie de “central de comando”, na qual:

[...] sabem tudo o que acontece, estão sempre ligados com a rede nacional e controlam todas as reportagens. Trabalham sob enorme tensão. Eles acumulam as funções de apuração de notícias, rádio-escuta e acompanhamento das equipes de reportagem (BRASIL, 2004, online).

Essas equipes são compostas por um número específico de funcionários, selecionados de acordo com o desempenho que virão a ter na produção do telejornal. Há uma miscelânea de atribuições entre os cargos de editor, cinegrafista e repórter cinematográfico. São atividades desenvolvidas sob constante ameaça de serem agrupadas e/ou suprimidas pela evolução tecnológica e disposição dos jornalistas (BRASIL, 2004).

Nesse contexto, o telejornal em si obedece a estruturação padrão. Considerado modelo por alguns países, as características principais são a divisão por blocos com intervalos, pagos por anunciantes, a apresentação realizada por um ou dois âncoras, o espaço de exibição na programação da emissora de 20 a 30 minutos – por edição, e também a valorização de quadros como a previsão do tempo (PAZZIN, 2006). Entretanto, o conhecimento desses detalhes e etapas não fazem parte dos conhecimentos gerais dos espectadores, de forma que os profissionais que estão por trás das telas, muitas vezes, passam despercebidos na relação “produto jornalístico *versus* espectador”. Tomando as produções audiovisuais para as massas como referência de representação, considera-se o caso da série “Great News”, de Tina Fey.

3 GREAT NEWS

“Great News” é uma sitcom norte-americana de duas temporadas, totalizando 23 episódios de cerca de vinte minutos cada. Produzido pela emissora NBC, o enredo mostra os bastidores de um programa diário de notícias, o “The Breakdown”. Diversos cargos do telejornalismo ganham espaço de representação na série: temos estagiário, âncoras, editor-chefe, produtor e cinegrafista. A escolha da série provém também da conceituação de venda desse tipo de produto – a ideia de atrair o público e mantê-lo fiel por um tempo pré-determinado, durante a exibição dos episódios –; a possibilidade de se explorar a construção gradual de uma imagem é um fator determinante, agregado ao alcance e o apelo à audiência.

Entre os personagens de maior relevância tem-se a protagonista, Katie Windelson, produtora de reportagens interpretada por Briga Heelan, cuja capacidade é posta em dúvida durante a trama da primeira temporada e Carol Windelson, mãe da protagonista, que já idosa, decide dar um novo sentido a sua vida e voltar a estudar. Optando pela faculdade de jornalismo, é contratada para estagiar na redação do “The Breakdown”. De forma não muito profissional, começa a atuar nas atividades de organização e assistência, causando mudanças na hierarquia do telejornal. O chefe é Greg Walsh, personagem interpretado por Adam Campbell, cuja missão é organizar a equipe, separar e designar as pautas e verificar o trabalho dos demais repórteres, intitulado-se como produtor executivo (GREAT NEWS, 2017).

Portia Scott-Griffith trabalha como co-âncora do telejornal e é interpretada pela atriz Nicole Richie. Seu trabalho também inclui a produção de reportagens, mas é uma personificação de estereótipo: loira e com estrutura corporal correspondente ao padrão de beleza ocidental. Chuck Pierce, também co-âncora, é caracterizado como um homem sério, que se vê como o centro de decisões, comportando-se de modo superior. A aparência do ator responsável pelo papel, John Michael Higgins, reverbera a imagem de um âncora masculino de experiência. A meteorologista Beth Vierk, interpretada por Tracey Wigfield, é recorrente, junto de Gene (Brad Morris), que é produtor de reportagens no “The Breakdown” (GREAT NEWS, 2017).

Além deles tem-se dois personagens esquecidos pelo roteiro: Justin, interpretado por Horatio Sanz, e Wayne, de Shean McKinney. Ambos desempenham papéis importantes para a preparação do telejornal, sendo o editor e o cinegrafista, respectivamente, mas só aparecem executando atividades ou dialogando com a protagonista (GREAT NEWS, 2017).

4 REPRESENTAÇÃO E CULTURA

Pela falta de exposição dos profissionais que estão por trás das telas, no que diz respeito ao produto jornalístico⁷, o reconhecimento do seu trabalho aos olhos da população permanece reduzido. A compreensão do jornalismo de TV é limitada à

⁷ Referido como as notícias, reportagens, quadros e o noticiário em si.

aparição de repórteres, âncoras, comentaristas, apresentadores e profissionais da previsão do tempo; figuras como pauteiros, inclusive, só são comumente mencionados em outros tipos de produtos, como publicações, livros e obras de áudio e vídeo que retratem redações jornalísticas.

Percebe-se que o reconhecimento do trabalho jornalístico está ligado a criação de uma representação, sendo ela o elemento que conecta o sentido e a linguagem à cultura. Hall (2016) defende que o conceito de representação é o ato de descrever ou retratar algo por meio de “descrição, modelo ou imaginação”. Isso ocorre ao possibilitar a produção de uma semelhança, ou simbolizar, pondo-se em seu lugar, de modo a se apresentar como um substituto ou amostra.

Para entender o processo de representação, é importante destacar o que seria então a cultura mencionada e a que se refere a conceituação de linguagem nesse contexto. Nesse estudo das representações, a cultura é entendida como padrões, costumes e criações sociais humanas (HALL, 2016). Santi e Santi (2008, p. 02), ao analisarem o trabalho de Hall (2016), afirmam que a compreensão de cultura do autor, enquanto uma espécie de conjunto de valores e significados compartilhados entre indivíduos, se dá devido a recordação das discussões conceituais que conjuraram a cultura como um elemento histórico, um “conjunto de grandes ideias de uma época (remetendo à noção de erudição), para a seguir ser visto como um conjunto de atividades populares genuínas (remetendo à noção de autenticidade e rusticidade)”.

Desse modo, uma interpretação ocorre através da “produção de significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem” (HALL, 2016, p. 37), na qual há o desdobramento de um sistema por meio do qual uma “coisa” é ligada a um conceito ou representação mental que um indivíduo possui (HALL, 2016).

Em uma concepção prática, podemos destacar a possibilidade de que, a partir da escolha de determinados elementos linguísticos (dentro da conceituação de Stuart Hall para linguagem) e de uma abordagem intencional do sentido na representação, pode-se incentivar que uma percepção diferenciada das atividades jornalísticas seja concebida através de representações em obras de entretenimento. Hall (2016) explora a linguagem visual no que se diz respeito a construção de estereótipos e convenções, a partir daquilo que entendemos como verdade.

Assim, resgatamos o potencial das obras audiovisuais como possíveis transmissoras de sentido e informação, participando da interpretação do leitor do que seria aquilo que está representando. Sabemos que o “retrato pintado” para a figura do jornalista afeta a compreensão das massas do que seria o compromisso dos profissionais e também os limites e poderes da profissão (WAITZ, 2009). Devido aos números que gera, tanto em lucro, quanto em audiência, seu alcance é visível para além das influências que exerce. Por isso, as obras criadas para veiculação em meios de comunicação de massa acabam por ser alvo de análises; por conta das representações da sociedade que compõem seu conteúdo (SOARES, 2007). Como vemos nos estudos de Santi e Santi (2008), Hall (2016) entende que “o significado não é direto nem transparente e não permanece intacto na passagem pela representação. Ele está sempre sendo negociado e inflectido, para ressoar em novas situações” (SANTI; SANTI, 2008, p. 4).

Diante dos vários resultados possíveis por parte dos processos de produção de sentido e sistemas de representação (HALL, 2016), os caminhos para o ato de representar se reforçam: descrever ou retratar junto a simbolizar e significar” (SANTI; SANTI, 2008, p. 04). O conjunto de cultura e linguagem é capaz de desencadear processos únicos, porém variáveis (HALL, 2016), de forma que se deve atentar para o nítido papel do influenciador e formador de opinião que têm as “coisas” a partir dos quais os sistemas de representação ocorrem (SOARES, 2007). No caso do telejornalismo, conforme se alinham as representações feitas com estruturas/registros reais em comparações com a imagem social que o ramo carrega (a reputação perante a sociedade), pode-se seguir o raciocínio do ciclo de influências nascido a partir da operação dessas teorizações (SOARES, 2007). Para essa pesquisa, considera-se as séries de TV, representando parte das produções de entretenimento. É preciso compreender como os cargos telejornalísticos são representados, para que se tenha uma medida de contenção da imagem profissional, ainda mais quando uma obra coloca o jornalista como herói ou vilão.

E é justamente o “colocar”, ter o poder de moldar, que se discute na atmosfera de atribuição de valor e representatividade. Para Waitz (2009), a cinematografia e o advento da indústria cultural – termo criado por Adorno e Horkheimer para descrever produtos voltados para o lucro e o consumo excessivo das massas, participantes da “cultura de massa” definida por Hall (2016) - são uma poderosa ferramenta para a produção de significado. As imagens cinematográficas são capazes de influenciar a forma como as pessoas veem o mundo, ainda que o produto artístico possa estar “condicionado a padrões culturais”, ou até mesmo estereótipos, “representações de uma realidade social e histórica, tomadas como verdadeiras, mas que constituem alegorias ou produtos da imaginação” (WAITZ, 2009, p. 02).

Com isso em mente, entende-se que a roteirização de uma rotina jornalística não tem a obrigação de reproduzir a verdade, como teoricamente seria a proposta de uma biografia ou outra produção semelhante. Há uma espetacularização do espaço de trabalho, que coexiste com o profissional para, teoricamente, representar a rotina. A forma como o jornalista é retratado, inclusive, sofreu mudanças ao longo dos anos e tem variantes de caráter de acordo com o continente (WAITZ, 2009). Acompanhando momentos políticos e grandes acontecimentos da história da humanidade, a profissão já esteve no patamar de heroísmo e também de vilania.

Quando se trata de trabalho, o reconhecimento da profissão é influenciado pelas representações, pelo que é vendido pela indústria como sendo a realidade. Horas extras, falta de cronograma, ausência de hierarquia e a ideia de que todos podem opinar e/ou contribuir são construções da figura do jornalista do século XXI, que possui a mesma atribuição que dois ou mais profissionais. Com a competição no mercado de trabalho, aliado a não exigência de diploma em algumas áreas, o profissional se torna “prendado em tudo”, sem especialidades. A ideia de “sobreviver no mercado” extingue o valor de transmissor de ideias das produções audiovisuais e auxilia a propagação de representações não fiéis da profissão. O ritmo das redações e o ambiente de trabalho em si são retratados sem relação com o trabalho jornalístico. Cargos não são respeitados, em prol do bom funcionamento de uma trama (WAITZ, 2009).

No contexto da série “Great News”, os cargos telejornalísticos são apresentados ao público a partir de uma perspectiva romanceada, na qual o processo de significação é composto por diversos elementos da linguagem, inclusos imagens e áudio, cores, espaços, roupas, montagem de cenário, personificação dos personagens, trilha sonora, diálogos, etc. Diante das vivências jornalísticas pelas quais a obra veio a se basear, é necessário revisitar constantemente elementos culturais, principalmente no que tange questões como a cultura jornalística vigente nos Estados Unidos e no Brasil, e a cultura local do ambiente com o qual a série se relaciona.

5 PERSPECTIVAS ANALÍTICAS

Os dois episódios da primeira temporada da série “Great News” são analisados a partir de descrições de atividades e detalhes organizados em quadros, seguindo a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009). Com um perfil prévio das obrigações dos personagens dentro da série, o panorama de trabalho individual de cada cargo foi traçado, de modo que seja levado em consideração os limites da produção audiovisual, além da busca pela verossimilhança, abordada por Soares (2007), para o entendimento da representação. As definições das atividades vêm dos estudos de Barbeiro e Lima (2002), do relato de Brasil (2004) e da pesquisa de Pazzin (2006).

5.1 PILOTO

O episódio número um da primeira temporada traz uma introdução da história para o público. Esquematizando as atividades desempenhadas pelos personagens, têm-se um quadro (2) em que é possível perceber o que, em “Great News”, foi necessário que cada um dos personagens fizesse para que o “The Breakdown” fosse ao ar. As marcações funcionam como dados e demonstram um resultado bastante tradicionalista:

Quadro 2 – Personagens e Atividades Designadas/Executadas - Great News [EP01-S01].

PERSONAGENS E ATIVIDADES DESIGNADAS/EXECUTADAS - GREAT NEWS EP01 - S01					
PERSONAGEM	Portia S.	Chuck Pierce	Greg Walsh	Carol W.	
FUNÇÃO	Co-âncora	Co-âncora/Chefe	Prod. Executivo	Estagiária	
Pesquisa de Pautas	X X				
Designação de Pautas		X X	X X		
Organização do Telejornal		X X	X X	X	
Contratação/Demissão		X	X		
Apresentação	X X	X X			
	Gene	Beth Vierk	Justin	Wayne	Katie W.
	Produtor	Meteorologista	Editor	Cinegrafista	Produtora
Pesquisa de Pautas	X X				X X
Produção	X X	X			X X
Desenv. de Conteúdo	X X				X X
Filmagem					
Edição			X X		

Fonte: Great News (2017, online).

Nas categorias, foram consideradas as definições e observações de Barbeiro e Lima (2002), de modo que foram assinalados em “Pesquisa de Pautas” aqueles que sugeriram pautas em reuniões e/ou tiveram ideias para reportagens durante o episódio, sendo eles Gene, Katie e Portia. O piloto contou com a representação de duas reuniões, nas quais os personagens sugerirem uma pauta em cada um. Isso estabelece uma ideia de rotina e constância. O fato de Portia, apresentadora, também incorporar a pesquisa de pautas que virão a ser produzidas para ela, abre um questionamento acerca de Chuck Pierce, seu colega de bancada, não fazer o mesmo. Nesse episódio, a série não deixou claro se a atitude da personagem é uma obrigação ou apenas uma expressão de sua liberdade.

Para “Designação de Pautas”, apenas Greg e Chuck se encaixaram no critério. Porém, apesar de Pierce ter uma palavra imperativa em relação a designação da produção das reportagens, Greg foi o mais envolvido na “Organização do Telejornal”, enfrentando todos os outros encargos dessa categoria, como decidir o que vai ao ar no final.

Os dados do quadro 2 também comprovam que no episódio “Piloto”, Greg Walsh desempenha as funções de chefe de redação, enquanto produtor executivo. Em teoria, o personagem deveria supervisionar o trabalho da equipe, garantindo a transmissão do telejornal ao estar disponível para solucionar problemas, dirigir os conteúdos conforme o desejo do público e da emissora (BRASIL, 2004) e acompanhar a gravação ou transmissão do noticiário, porém o vemos organizando o telejornal, definindo e designando pautas, realizando contratações, prometendo aumentos salariais e assim por diante. Uma infinidade de atividades de chefia e editoria, que não deveriam lhe caber.

Gene e Katie, como produtores, desempenharam as atividades propostas por seu cargo, desenvolvendo conteúdo, sugerindo pautas e produzindo o que for necessário. Inclusive seu poder de designar tarefas é característico dos produtores. No preenchimento da categoria “Produção”, no entanto, foi constatado um adendo da meteorologista, fornecendo dados sobre o clima. Nesse episódio, não foram reproduzidas atividades como acompanhamento de repórteres, dando-se destaque a questão de encontrar em contato com fontes e entrevistados e buscar informações relevantes. E o “Desenvolvimento do Conteúdo”, com a escrito do texto e seleção das imagens, aparentemente foi desempenhado apenas pelos dois produtores.

Como o trabalho da cinegrafia não apareceu diretamente nesse episódio, a categoria “Filmagem” está vazia. A única insinuação desse tipo de atividade ocorreu quando o cinegrafista Ron entrou em cena para fazer uma piada acerca de Katie utilizar o banheiro. O personagem não está listado como principal, nem como recorrente no elenco, diferentemente de Wayne – que em nenhum momento apareceu.

No caso do editor, vê-se que ele também desempenha as atividades de *switcher*, indo além da edição e armazenamento de matérias e imagens. O personagem faz parte da equipe responsável por colocar o jornal no ar. A meteorologista foi colocada como fonte de informações e contatos, mas não teve relevância quanto a produção de quadros para o telejornal. E a estagiária, que na série ganhou toda uma “profundidade” em debates sobre a sua idade, ficou relegada à assistência pessoal de Chuck e a “tapa-buraco” da equipe de telejornalistas.

Chuck Pierce é o co-âncora do “The Breakdown” e pelo cargo, deve apresentar diariamente o telejornal. Conforme o quadro, executou essas atividades nas duas edições do “The Breakdown” correspondentes a esse episódio. No entanto, como é perceptível pelas demissões que executa e decisões quanto a designações de pautas, seu cargo na série não está estruturado corretamente. Em qualquer tipo de redação, esse poder é dado a cargos de chefia, que podem, por questões de experiência e perfil, ser dados a apresentadores. O fato de Carol ser designada a trabalhar como auxiliar dele também é uma caracterização disso. No entanto, em “Great News” o personagem não é apresentado como tal. Pode-se considerar esse fato uma falha na representação de dois papéis: apresentador e editor-chefe.

5.2 ONZE JORNALISTAS E UM SEGREDO

O décimo episódio da temporada é trabalho como a conclusão para a trama, apesar de trazer um contexto diferente em relação aos anteriores. A dona da emissora MMN, avó de Greg Walsh, decidiu ser mais participativa e realizou mudanças na estrutura de transmissão, no modelo e no corpo de funcionários do “The Breakdown”. Sua presença na redação significou a imposição das decisões do corporativo e a alteração de tudo que fosse necessário para que a equipe e o noticiário se enquadrem nos padrões jornalísticos ideais para os seus propósitos.

Portia está restrita a eventos e propagandas que sejam autorizadas e acordadas pela emissora e Chuck está liderando um novo quadro de interação online com os telespectadores, a “Sala Digital Amarela”, através da qual todos podem marcar o usuário da emissora em seus tweets⁸ e tê-los lidos por ele, ao vivo. Greg Walsh, produtor executivo, está passivo, aceitando ordens da dona da emissora. E devido ao seu cargo ser representado como assistencial na série, Carol, como estagiária, foi considerada desnecessária para as reuniões do telejornal. Essa escolha não condiz com a tradição dos profissionais, pois que no que diz respeito ao aprendizado de novatos, a

⁸ Publicações feitas pelos usuários do Twitter. Tem limite de 140 caracteres.

oportunidade de adquirir experiência é algo valorizado, que já faz parte da cultura jornalística. Acaba por construir um sentido sequer semelhante com a realidade.

A “vovó” também tomou parte na mudança das vestimentas de trabalho dos profissionais, para que eles se encaixassem em um padrão e refletissem o ambiente de trabalho. Nisso se retoma a questão profissional de que jornalistas e colaboradores devem vestir-se e comportar-se de modo a transmitirem credibilidade para o público-alvo de seus materiais. Afinal, além da série ser uma representação, os próprios profissionais representam uma ideia todos os dias, através da construção de uma imagem de si mesmos, que faz com que as pessoas ao redor associem suas roupas e sua postura a atividade profissional que desempenham, julgando-os através disso (HALL, 2016).

Considerando-se que os noticiários estão ligados a empresas privadas, que necessitam de lucro, a escolha de abordagem feita pela série não foge da realidade, afinal, emissoras que precisam de anunciantes e parcerias focam em adaptar-se aos pedidos dos clientes, antes de verificar o valor jornalístico do que estão vendendo. Conforme Hall (2016), a cultura pode ser entendida como um conjunto de práticas e ideias comuns a todos os componentes de um grupo, e nesse caso, há um motivo para se generalizar. Por mais que algumas redações permitam vestimentas não formais e sigam um modelo mais antiquado de noticiário, como era o caso do “The Breakdown” no começo de “Great News”, é de praxe que essas mudanças ocorrem nas redações, por um “bem” maior: a tríade da credibilidade, do público fiel e do lucro pelos anunciantes dos intervalos. Mas quando “vovó” começa a ditar o que deve ou não ser veiculado, os funcionários se unem contra ela, persistindo no lema “somos jornalistas, devemos revelar a verdade”, referência cultural à categoria. Na definição tradicional dada por Hall (2016), pode-se dizer que desde as primeiras atividades desempenhadas, os jornalistas são avisados acerca de sua responsabilidade com o público e com a veracidade dos fatos, como demanda seu código de ética. Não é possível separar a atividade jornalística da rotina de apuração e verificação.

O planejamento do telejornal do episódio por se tratar de uma edição especial, ficou a cargo de mais de um personagem, mas não saiu das mãos daqueles a que são atribuídos cargos de chefia e de produção. Os membros da equipe cujas atribuição

estão catalogadas na planície contribuíram apenas na operação, o que conota a questão de que o conhecimento do telejornal como produto é necessário para que se possa elaborá-lo. Para a transmissão, Chuck escolheu uma vestimenta formal, semelhante as utilizadas na bancada do “The Breakdown”. Considerando esse um elemento para estimular a credibilidade, somado à fuga do estúdio, ao enquadramento feito pela câmera e ao texto falado por Chuck, o sentido construído com o telespectador é de que o jornalista está transmitindo a verdade. Esse é um dos trechos em que a significação de cada parte do todo (HALL, 2016) ficou mais clara.

Além disso, dentre os três episódios analisados neste trabalho, esse é o primeiro em que o trabalho de Wayne como cinegrafista é realmente mostrado. A filmagem na transmissão ao vivo no telhado, programada pela equipe, é executada de forma bastante tradicional. Com uma câmera no ombro, o personagem atuou em exato acordo com a definição dada por Barbeiro e Lima (2002), apesar de não ter suprido as atividades referentes à operação de áudio.

Utilizando como base o estudo de Hall (2016) acerca das representações feitas de acordo com estereótipos de heróis e vilões, pode-se entender que para encerrar a temporada, foi essa a escolha dos roteiristas. Apesar dos erros e das revoltas, a equipe do “The Breakdown” provou que apesar de nem sempre estarem com suas atribuídas correspondendo ao cargo que exercem, conseguem entregar um telejornal de qualidade diariamente.

O fato de terem um “vilão” no local de trabalho serviu como elemento significador a cada um dos personagens. Quanto às funções desempenhadas, têm-se que todos os personagens recorrentes atuaram desenvolvendo ou produzindo conteúdo, além de participarem ativamente na organização do “The Breakdown. O resultado é visto no quadro 3 (a seguir):

Quadro 3 – Personagens e Atividades Designadas/Executadas - Great News [EP10-S01].

PERSONAGENS E ATIVIDADES DESIGNADAS/EXECUTADAS - GREAT NEWS EP10 - S01					
PERSONAGEM	Portia S.	Chuck Pierce	Greg Walsh	Carol W.	
FUNÇÃO	Co-âncora	Co-âncora/Chefe	Prod. Executivo	Estagiária	
Pesquisa de Pautas					
Designação de Pautas		X	X		
Organização do Telejornal	X	X	X		
Contratação/Demissão			X		
Apresentação	X	X			
Assistência				X	
	Gene	Beth Vierk	Justin	Wayne	Katie W.
	Produtor	Meteorologista	Editor	Cinegrafista	Produtora
Pesquisa de Pautas					
Produção	X	X			X
Desenv. de Conteúdo	X				X
Filmagem				X	
Edição			X		

Fonte: Great News (2017, online).

Nesse episódio, as conceituações preestabelecidas de Barbeiro e Lima (2002) não ficaram visíveis, enquanto prevaleceu-se a cultura jornalística de que todo profissional tem de saber desempenhar mais de um papel. Com os avanços tecnológicos e as ferramentas criadas para facilitar o trabalho comunicacional, é possível otimizar diversas etapas processuais por meio de um único profissional. O repórter abelha, o editor que também é cinegrafista, são adaptações da categoria em resposta ao contexto trabalhista, econômico e tecnologia que se enfrenta atualmente, que exige um profissional multifacetado e coerente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No telejornalismo, vê-se o fruto de um trabalho feito por profissionais da comunicação, com o objetivo de levar a verdade até a sociedade através da TV. As atividades desempenhadas nessa área carregam consigo um pouco da essência da categoria, que se dispõe a enfrentar diariamente julgamentos, exposições e novas

tecnologias para atingir o seu propósito. Por isso as discussões envolvendo o trabalho exercido e a cultura jornalística são bastante complexas: questões contextuais, tais como inovação, público e demanda, estão intrínsecas aos ideais éticos de todos os telejornalistas. Com esse entendimento, o trabalho teve como objetivo geral compreender de que forma os cargos telejornalísticos são representados na série “Great News”, segundo as conceituações de Barbeiro e Lima (2002) para a distribuição de atividades dentro da redação de um noticiário e dos estudos de Stuart Hall (2016) sobre representações e cultura.

Ao se realizar uma comparação analítica entre as definições dos cargos telejornalísticos atribuídos aos personagens e as definições teóricas do que seria executado por cada um deles, viu-se que os cargos telejornalísticos são apresentados através da execução de suas atividades, de modo que a compreensão acerca deles ocorra de forma gradual, unida ao contexto da série. O foco esteve na produção de conteúdo, fazendo com que figuras já sem visibilidade no dia a dia, como editores, cinegrafistas e meteorologistas, continuassem à margem do telejornalismo.

A questão da adaptação dos profissionais, de modo a se mostrarem aptos a desempenhar mais de uma função, foi amplamente abordada e explorada dentro do roteiro. Apesar de normalmente se manterem dentro das atividades designadas para eles em acordo com os cargos na série, diversos personagens são vistos “quebrando o galho” para os colegas e assumindo responsabilidades que não são suas. Além disso, são caracterizados de forma a acumularem funções, em discordância às conceituações teóricas. Isso demonstrou que não há um respeito aos limites e definições tradicionais dos cargos telejornalísticos e que estes foram propostos de acordo com a necessidade do enredo, inclusive na questão de hierarquia. De fato, os níveis propostos por Barbeiro e Lima (2002) - “Chefia”, “Produção” e “Planície” - são visíveis, mas como há fluidez nas atribuições dos personagens, são mutáveis.

Além disso, a execução do trabalho levou a compreensão da importância do jornalismo, que no caso dos telejornais, está ligado a transmissão de informações através de imagens e sons selecionados com o objetivo de passar uma mensagem através da construção de sentido feita por quem assiste. Percebeu-se o quanto a teoria presa por organização e alto desempenho dentro de uma área (ou função) específica,

enquanto a prática é influenciada diretamente pelo contexto em que os profissionais estão inseridos. A internet é uma grande competidora pela atenção do público, de modo que para garantir sua audiência e se tornar uma aliada dos avanços tecnológicos, as redações de TV estão buscando se adaptar de uma forma que ainda valorize a essência de cada cargo e cada processo dentro do telejornalismo tradicional.

A redução de orçamento e, conseqüentemente, a diminuição de pessoal, são problemas recorrentes nos programas mais tradicionais e de médio para baixo porte. Os jornalistas têm lutado para aprender e desempenhar mais de um papel, de modo a suprir a falta de profissionais nas redações, mas como já disse Pena (1999), a sobrecarga de atividades é prejudicial ao comunicador e também a quem consome o material que ele produz, uma vez que a somatória possa acarretar em menos preciosismo na sua elaboração. É um fator bastante desolador, pois também aponta a impossibilidade das pessoas quanto ao que acontece com a categoria, que presta um serviço diretamente para o povo.

A influência da cultura em uma representação é bastante clara, como definiu Hall (2016), assim como a representação tem o poder de incidir sobre o pensamento do indivíduo, propondo mudanças em sua forma de entender o mundo. É um ciclo mutável e de influência mútua, de modo que se deve pensar que o tipo de obra analisada – uma série transmitida na TV norte-americana e agora disponível online para vários países por um serviço de *streaming* –, tem um grande papel nos processos de construção de sentido de uma sociedade, ao passo que a inspiração para o que é retratado vem diretamente desta.

Nesse sentido, a compreensão proposta por esse trabalho está relacionada ao fato de que o tratamento dado à realidade jornalística nesse tipo de produção influencia a forma como as pessoas compreendem e valorizam (ou não) a atividade jornalística. A representação das adaptações sofridas nas relações televisivas, pode tanto passar uma mensagem de busca por fazer um trabalho adequado ao público que o assiste, como pode vir a ser entendido como fruto de um setor parado no tempo e que está pensando unicamente em lucros. O indivíduo que fica sujeito a essa influência carrega consigo a ideia que construiu a partir dela e a aplica aos profissionais que vê na

TV, executando seu trabalho. O impacto disso se soma ao contexto econômico e ao apelo social que incidem hoje sobre o telejornalismo.

Uma categoria mal representada sofre com escassez de credibilidade e valorização. Sabendo-se como “Great News” coloca o telejornalismo perante o público, é possível trabalhar para de uma mudança, afinal, nem todos os telespectadores entendem a ideia representacional de que uma criação não reflete a realidade, apenas, quando se, se assemelha a ela.

Por fim, podemos dizer que o objetivo de compreender como se dá a representação de cargos telejornalistas em “Great News” foi alcançado, constatando que ela se dá através de uma construção de sentido que valoriza a cultura popular jornalística. Apesar de displicente, romanceada e baseada em estereótipos, a representação abarca o desenvolvimento de personagens que são profissionais habilitados em Jornalismo, aptos a trabalhar com um veículo de informação, e cujos cargos são distribuídos de forma a manter o funcionamento da redação, não necessariamente respeitando a formação ideal. Além disso, as atribuições são fluídas e perpassam o questionamento do que seria um “bom jornalista”, além de estarem inclinadas a figura heroica apresentada por Waitz (2009), trabalhada anteriormente, de forma geral, por Hall (2016), uma vez que a obra traz fortes traços de empoderamento profissional e crítica social, com relações externas entrelaçadas às relações trabalhistas.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Jornalismo**: segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2014.

BRASIL, Antonio. Os segredos do telejornalismo americano. **Mural Pj:Br Jornalismo Brasileiro**. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/comentarios_mural14.htm. Acesso em: 28 jul. 2019.

FOHERTY, J. J. **História da televisão**. Rio de Janeiro: Ed. Letras e Artes Uda, 1964.

GREAT NEWS. Roteiro: Tracy Wigfield, Ashley Wigfield, Dan Klein, Naomi Ekperigin, Ben Dougan, Sam Means, Hayes Davenport, Jack Burditt, Robert Carlock, Tina Fey. Fotografia de John Inwood. [S. l.]: Netflix/NBC, 2017. Primeira temporada (dez episódios). Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80158516>. Acesso em: 04 nov. 2019.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. *In*: ITUASSU, Arthur (org.). **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Editora Apicuri, 2016. p. 9-97.

MOTOMURA, Marina. Como funciona a redação de um telejornal? **Super Interessante**, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-funciona-a-redacao-de-um-telejornal>. Acesso em: 23 jul. 2019.

PAZZIN, Marcel. Agora ao vivo para todos os EUA. **Observatório da Imprensa**, 16 jan. 2006. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/agora-ao-vivo-para-todos-os-eua>. Acesso em: 23 jul. 2019.

PENA, Felipe. **O repórter de TV foi atropelado**. Discurso, mediação e construção da notícia. 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pena-felipe-reporter-tv.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2019.

SANTI, Heloise C.; SANTI, Vilson J. C. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Revista Anagrama**, São Paulo, ano 2, ed. 1, set./dez. 2008.

SQUIRRA, S. **Boris Casoy**: o âncora no telejornalismo brasileiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

WALTZ, Igor. **A imagem do jornalista**: um estudo da representação cinematográfica. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2009.

SOBRE AS AUTORAS

Laryssa Yasmin de Oliveira

Bacharela em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas. Pós-graduanda em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pelo Instituto Dimensão.

E-mail: laryeris@gmail.com

Michele Negrini

Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. É Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (UFSC), do Grupo Estudos Culturais e Processos Midiáticos (UPEL) e da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede Telejor).

E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9158823819923143>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

OLIVEIRA, Laryssa Yasmin de; NEGRINI, Michele. A representação dos cargos de telejornalismo em narrativa seriada: uma análise da série Great News. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 46-71, jul./dez. 2020.

RECEBIDO EM: 12/06/2020

ACEITO EM: 13/12/2020
